

O bolsonarismo é uma variante do fascismo?*

Armando Boito Jr.*

I

Apresentaremos neste pequeno texto um resumo estendido da exposição que faremos na mesa-redonda “Crise do capitalismo, democracia e neofascismo no Brasil”.

O que pretendemos é fundamentar a caracterização do movimento de apoio a Jair Bolsonaro como um movimento de tipo fascista que, embora seja um movimento minoritário, foi beneficiado pelas características da crise política brasileira, logrando alcançar o capitão reformado à Presidência da República. Evidentemente, a primeira pergunta que surge é esta: o que é o fascismo?

II

Nessa matéria, temos algumas respostas que, a nosso ver, são equivocadas e que devem ser criticadas antes de apresentarmos a nossa própria definição. O primeiro equívoco provém da proposta de confinar o fenômeno fascista à Itália do período de 1919 a 1945 ou, quando muito, a essa Itália e à Alemanha do mesmo período. Um prestigiado historiador do fascismo, Emilio Gentile, publicou recentemente – maio de 2019 – um livro, intitulado *Chi é fascista*, para defender essa tese. Trata-se de uma posição historicista radical: os conceitos só serviriam para designar fenômenos do período no qual foram criados. Gentile resume a sua tese com a seguinte afirmação: o conceito de fascismo é a sua própria história; o fascismo não teve predecessores no século XIX e não terá réplicas no século XXI. O que pretendemos demonstrar é que, do mesmo modo que generalizamos quando elaboramos e utilizamos o conceito de democracia, ditadura, monarquia, república e outros conceitos da Ciência Política, devemos também generalizar quando elaboramos e utilizamos o conceito de fascismo.

O segundo equívoco que pretendemos criticar diz respeito aos autores que generalizam o conceito de fascismo, mas o fazem de uma maneira que consideramos descritiva. Vamos nos referir a dois autores que publicaram trabalhos sobre o tema que obtiveram repercussão. Estamos pensando em Umberto Eco, com o seu pequeno livro *Il fascismo eterno*, do qual publicou-se em Milão a trigésima edição em 2018, e em Robert Paxton, com o seu importante trabalho *Anatomy of facism*, publicado em Nova York em 2004. Nesses casos, dizemos que o fascismo é definido de modo descritivo porque tais autores, seguindo o que talvez seja a tendência amplamente dominante nos estudos sobre o fascismo, definem-no construindo uma lista, maior ou menor, daqueles que seriam os atributos do fascismo como fenômeno político e ideológico. Umberto Eco enumera quatorze características do fascismo; na conclusão do seu livro, Paxton define

* Trabalho apresentado no 43º Encontro Anual da Anpocs. Cidade de Caxambu, 2019.

* Professor titular de Ciência Política da Unicamp.

o comportamento político fascista recorrendo a nada menos que vinte atributos. Esse tipo de definição deve ser denominado descritivo porque os seus autores não explicitam os critérios teóricos a partir dos quais selecionam os atributos do fascismo; acreditam, na verdade, partir exclusiva e diretamente dos fatos empíricos para criar o conceito; não nos dizem o que é principal e o que é secundário; não qualificam as relações entre tais atributos e tampouco nos dizem como proceder diante de um determinado fenômeno que, eventualmente, apresente apenas parte da lista de características arroladas para caracterizar o conceito.

Nós entendemos que o conceito de fascismo é um conceito geral. Entendemos também que a definição desse conceito deve ser teórica e não descritiva, isto é, deve, partindo simultaneamente tanto dos fatos históricos quanto de uma teoria geral da política e do Estado, localizar aquilo que é essencial ao fenômeno, oferecendo um rumo para o conjunto da análise. Vamos resumir. Todos os tipos históricos de Estado de classes dominantes exploradoras – escravista, feudal, capitalista – apresentam-se, historicamente, sob uma forma ditatorial ou democrática. O fascismo, enquanto forma de organização do aparelho e do poder de Estado, é uma variante da forma ditatorial do Estado capitalista, ou seja, é um tipo de ditadura. Porém, o fascismo é, também, a ideologia que justifica essa ditadura e o movimento que, coesionado por essa ideologia, luta para implantar tal tipo de ditadura ou para mantê-la. Nossa inspiração aqui são as análises marxistas sobre o fascismo. Pensamos em autores coevos do fenômeno e em outros mais recentes: Palmiro Togliatti e o seu *Corso sulli avversari - Le lezioni sul fascismo* de 1935, Daniel Guerrin, *Fascisme et grand capital* de 1936, e Nicos Poulantzas, *Fascisme et dicature* de 1970.

III

Definimos o movimento fascista como um *movimento reacionário de massa*. Trata-se de uma definição geral, que rompe com o historicismo, e que rompe também com o tipo de definição descritiva que pretende tudo abarcar de maneira exaustiva e, na verdade, não oferece um conceito que possa orientar a reflexão e a pesquisa. A definição apresentada acima serve para orientar a pesquisa como toda definição teórica de um fenômeno social. É a análise do fenômeno orientada pelo conceito que permitirá compreender tal fenômeno e não a definição por si só. No Brasil, não se verificou até aqui a implantação de uma ditadura fascista, porém o bolsonarismo é um movimento social fascista e esse movimento ocupa posição dominante no governo atual. Temos então no Brasil um movimento e um governo fascistas, embora não tenhamos uma ditadura fascista – não custa lembrar que nos seus primeiros anos o governo Mussolini manteve-se dentro do quadro democrático.

O fascismo é, digamos assim, o gênero, sendo o fascismo original e o neofascismo brasileiro duas espécies diferentes desse gênero à qual ambas pertencem. Uma definição mais extensa do fenômeno, considerando o gênero fascismo, poderia ser a seguinte: um movimento reacionário de massa que surge numa conjuntura de polarização do conflito de classes e agrupa setores intermediários da sociedade capitalista (pequena burguesia e

classe média) com o objetivo político de eliminar a esquerda e que ascende politicamente graças à sua cooptação por uma fração burguesa reacionária. Cada uma das duas espécies citadas, o fascismo original e o neofascismo, realizam essas qualidades de um modo particular. Tentamos resumir essa diferença no quadro abaixo.

GÊNERO E ESPÉCIE: FASCISMO ORIGINAL, NEOFASCISMO

O gênero fascismo	Espécie: fascismo original imperialista (Itália, Alemanha)	Espécie: neofascismo dependente (Brasil de Bolsonaro)
Mobilização reacionária das camadas intermediárias	Principalmente a pequena burguesia – com elementos de classe média	Principalmente classe média – com participação de pequenos proprietários
Luta para eliminar a esquerda	Movimento operário organizado em partidos de massa socialista e comunista	Reformismo burguês com base popular desorganizada – trabalhadores da massa marginal
Ideologia conservadora superficialmente crítica	Anticomunismo, culto da violência, machismo, racismo (aberto), homofobia (oculta) e crítica ao grande capital e à democracia burguesa	Anticomunismo, culto da violência, machismo, racismo (oculto), homofobia (aberta) e crítica à corrupção e à velha política (democrática)
Cooptação por uma fração reacionária da burguesia	Estabelecimento da hegemonia política da fração burguesa grande capital monopolista imperialista	Restabelecimento da hegemonia política das frações burguesas grande capital internacional e burguesia dependente associada.
Dinâmica: movimento vindo de baixo cooptado pelo alto	Sim, com movimento vindo de baixo forte	Sim, com movimento vindo de baixo fraco
Base social de apoio como elemento perturbador da hegemonia de fração	Pequena burguesia como classe apoio: vínculo ideológico e prejuízo material	Classe média como classe apoio: vínculo ideológico e prejuízo material
Surgimento numa situação de crise política com polarização de classe	Polarização forte	Polarização moderada

Na nossa palestra iremos desenvolver a comparação esboçada na tabela acima e tentar mostrar a sua importância para a análise política.